

ENTREVISTA: ARQUEÓLOGO PAULO EDUARDO ZANETTINI

Por Luiz Paulo Neiva

No início de 1986, o jovem arqueólogo Paulo Zanettini recebe uma ligação telefônica do Prof. e bioantropólogo Walter Neves, convidando-o a integrar a equipe do nascente Projeto Canudos, coordenado pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), da UNEB. Inúmeros desafios lhe são postos para o alcance de um empreendimento largamente audacioso.

Fascinado, entabula rapidamente ideias e entendimentos com a coordenadora-arqueóloga Yara Dulce Athaíde e o antropólogo Renato Ferraz, responsáveis pela implementação do projeto e pela criação do Parque Estadual de Canudos, às margens do rio Vaza Barris.

Demorou pouco para em um fim de tarde, a bordo de um caiaque e na companhia do topógrafo José Rebouças, deslizarem sobre as águas do açude Cocorobó, seguido de um revigorante banho no Jorrinho, o bastante para tomar a decisão que mudaria a sua vida: “Vou trabalhar e morar em Canudos!”

Paulatinamente, Zanettini passou a desenvolver o trabalho mais sedutor de um jovem arqueólogo: escavar, escavar, escavar o chão para obter respostas e desvendar questões ainda obscuras sobre a Guerra de Canudos (1896-1897); juntou-se a tantos outros pesquisadores, notadamente Heloisa Kuser e Jorge Glauco Nascimento, em seguida Manoel Neto e José Carlos da Costa Pinheiro (Pinheirinho). No seu campo de atuação foi realizada uma significativa varredura arqueológica na zona de combate do Parque.

Esse extraordinário trabalho, interrompido em 1988, é retomado em 1996, graças ao convite que lhe fiz, então como diretor do CEEC, para sistematizar e editar os resultados anteriores. Assim feito, o livro é publicado e apresentado no Congresso de Arqueologia e História em Nova Orleans, USA, sob o título Arqueologia Histórica de Canudos (UNEB/CEEC, 1996).

Aproximava-se a celebração do centenário do massacre que deu epopéico fim à utopia conselheirista em Belo Monte. Novamente convidado pelo CEEC, Zanettini e uma equipe fantástica de pesquisadores voltam a

escavar o chão de Canudos, resultando em uma pesquisa valiosa publicada em *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* (UNEB/CEEC, 2002).

Com tantos resultados exitosos, sobressai a necessidade imperiosa de Zanettini tornar a escavar, com a maestria que lhe consignou reconhecimento internacional, o solo sagrado onde se fundou a cidade e ocorreu a conflagração, para tentar responder a questões ainda emblemáticas acerca da charqueada de Canudos.

Luiz Paulo Neiva:

Em 1986 você foi convidado a integrar a equipe do CEEC/UNEB. A sua missão foi a de realizar um mapeamento arqueológico na área selecionada para a instalação do Parque Estadual de Canudos – uma zona de combate da guerra ali travada no final do séc. XIX em que as elites militares massacraram e mataram milhares de seguidores do beato Antônio Conselheiro. O que foi realizado? Quais foram os limites em relação ao planejado?

Paulo Eduardo Zanettini:

Em 1986 eu era um jovem pesquisador. Desenvolvia estudos arqueológicos na cidade de São Paulo. Trabalhava fundamentalmente com escavações em meio à metrópole, em zonas de importância histórica ou edificações antigas do período colonial. Deslocar meu olhar para Canudos foi um grande desafio pessoal e profissional naquele momento, porém foi uma decisão acertada que acabou por influir decisivamente na minha carreira e trajetória profissional no campo da Arqueologia Histórica.

Infelizmente, devido a diversos fatores, o projeto de implantação de um ecomuseu na caatinga acabou, por assim, postergado. Foi um grande baque, uma enorme frustração, justamente no momento em que se tornava possível o avanço da investigação, confrontar restos arqueológicos (e sua articulação com aquela paisagem), e a vasta literatura produzida a respeito da saga conselheirista. Entendia que o próximo passo seria agregar novas informações a respeito do processo de ocupação humana multimilenar ocorrida no sertão de Canudos na perspectiva braudeliana da Longa Duração, para além de temas relacionados ao

conflito e aspectos do cotidiano vivenciado no campo de batalha, foco da etapa inicial da pesquisa conduzida pela equipe de arqueologia do CEEC. Sentia a necessidade de abordar materialidades do antes e depois da guerra fratricida ocorrida entre 1996/97. Havia que conectar a área selecionada para a criação do parque histórico e seu entorno e, assim, histórias entrelaçadas.

Posicionado a meio caminho dos rios Itapicuru e São Francisco, o vale do Vaza Barris ocupou posição estratégica para os fluxos, deslocamentos e assentamento de sucessivos grupos indígenas ao longo do tempo (inclusive, levando à incorporação de indígenas às hostes conselheiristas, tema a ser aprofundado). Lado a lado dispersos pelo solo do parque nos deparávamos tanto com trincheiras, estojos e cápsulas de armamentos belgas e alemães transportados pelo Exército, como com utensílios de pedra lascada milenares ou até mesmo fósseis de coníferas ainda mais antigos, mapeados pelo paleontólogo da equipe, oferecendo *inputs* a respeito de um passado bastante extenso a ser igualmente conhecido sob a perspectiva da arqueologia, a merecer lugar no discurso museológico que era encetado, e incorporado às narrativas e circuitos de visitação que começavam a ser desenhados para aquele grande museu ao ar livre.

A ideia de um sertão ímpio e isolado recorrente nas grandes narrativas oficiais começava perder terreno. Louças e outros utensílios escavados, por exemplo, na Fazenda Velha e mesmo em outras residências de gente proeminente de Belo Monte (a salvo das águas) apontavam, por exemplo, na direção contrária daquilo que havia sido escrito. A tralha doméstica resgatada na Fazenda Velha acenava para uma ocupação duradoura da propriedade ao menos no decorrer de todo o século XIX, quiçá, recuando a fins do século XVIII. A história de que Conselheiro e sua gente haviam escolhido uma fazenda abandonada às margens do Vaza Barris para implantar Belo Monte ia se tornando menos verossímil.

Da mesma forma, o confronto de materiais arqueológicos, registros escritos e iconográficos passavam a fornecer *insights* para o diálogo entrecruzado com outras linhas interpretativas produzidas a respeito do movimento social a exemplo de Rui Facó, Maria Isaura Pereira de Queiróz, José Calazans, Robert Levine e outros tantos estudiosos importantes da história de Canudos.

Contrariamente à visão tradicional de uma Canudos divisada na literatura como um ponto isolado no sertão – distante do mundo letrado do litoral, entendíamos como necessário dilatar nosso olhar do ponto de vista geográfico, conferindo-lhe um espectro regional. Em última instância é possível afirmar que o território de Canudos se confundia com os limites da bacia hidrográfica do Vaza Barris. A articulação e conectividade numa escala regional foi certamente um dos fatores decisivos de sustentação para a instalação, crescimento e resistência oferecida ao golpe encetado pela República nascente. A oportunidade de trabalhar concomitantemente com documentos inéditos do Arquivo do Exército que eram microfilmados pelo CEEC permitia divisar canudenses atuando como informantes ou mesmo guias para as tropas regulares em vários pontos desse amplo território, dificultando o deslocamento, o cerco e abastecimento das tropas. Havia que evidenciar essa inteligência sertaneja de guerrear, fundada na larga experiência e conhecimento adquirido pelos sertanejos a respeito de seu bioma.

Por que Conselheiro e sua gente escolheram aquela porção exata do curso do Vaza Barris para fundar o arraial de Belo Monte após quase 20 anos de itinerância pelo sertão?

São várias as respostas, mas não foi por acaso que o movimento decidiu pela escolha daquela porção específica do Vaza Barris por se tratar da zona de maior probabilidade de armazenamento da água das chuvas conduzidas ao longo da bacia. Não há que discutir o simbolismo em torno do sepultamento de Canudos provocado pela construção do açude Cocorobó, mas estudos técnicos levaram à decisão de implantá-lo exatamente ali. Corrobora para essa afirmação a ruptura do barramento ocorrido após a finalização da barragem com a abrupta desocupação da cidade reconstruída após o final da guerra.

Outro aspecto importante a ser lembrado é a dificuldade em se investigar eventos e, sobretudo, lidar com memórias traumáticas. Definitivamente, quando cheguei em Canudos os antigos – protagonistas, sobreviventes e seus herdeiros eram bastante dosados ao expor sua visão a respeito, ainda mais, diante do regime de exceção no qual estávamos todos imersos por mais de duas décadas. Obviamente, o conjunto de iniciativas exitosas levadas a cabo pela Uneb mudaram significativamente esse quadro com o passar do tempo.

Luiz Paulo Neiva:

*É possível divisar o significado do Projeto Canudos levado a cabo pelo CEEC/UNEB no bojo do processo de abertura democrática. Os resultados da varredura arqueológica ficaram arquivados; somente 10 anos após, em 1996, você voltou à Bahia a convite da nova diretoria do CEEC para sistematizar os relatórios visando uma publicação. Assim sendo, foi editado o livro *Arqueologia Histórica de Canudos e você o lançou no Congresso de Arqueologia em Nova Orleans, USA.**

Paulo Eduardo Zanettini:

Posso afirmar categoricamente que a Universidade e seu Centro de Estudos (CEEC) estavam antenados com a contemporaneidade e o processo de democratização em curso, pois conceber trinta anos atrás um extenso programa, de natureza interdisciplinar, base participativa, de olho nos saberes sertanejos continua plenamente em voga nos dias atuais e para quem deseja contribuir com um projeto de futuro mais justo e equitativo para o país

Acredito que a semente lançada, aguardava a chegada das trovoadas para germinar.

Luiz Paulo Neiva:

Qual foi e tem sido o impacto dessa publicação?

Paulo Eduardo Zanettini:

Me lembro exatamente do dia em que recebi um telefonema entusiasmado do Prof. Luiz Paulo Neiva que assumia a Direção do CEEC e reunia elementos acerca das pesquisas desenvolvidas no final da década de 1980, envolvido na retomada das atividades do Centro e implantação do parque histórico em definitivo. Luís Paulo divisou a importância e necessidade de publicar o relatório apresentado ao CNPq. Como mais de uma década havia se passado, eu não nutria naquele momento esperança.

Porém, o relatório foi publicado, esgotando-se rapidamente. Com o passar do tempo, a publicação acabou por se constituir em referência importantes para a arqueologia histórica brasileira. Da mesma forma, a mídia abriu um grande espaço para a divulgação das pesquisas.

Não levei adiante Canudos como tema de minha formação acadêmica, mas é impressionante como são recorrentes os convites que recebo para falar a respeito dessa experiência ímpar junto a universidades de todo o país passados tantos anos.

Luiz Paulo Neiva:

*Em 1999, o CEEC com o financiamento do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CADCT), atual Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), retomou as pesquisas arqueológicas, sob a sua coordenação técnica, aproveitando-se do rebaixamento de 97% das águas do açude Cocorobó. Uma equipe de 40 integrantes, entre arqueólogos, historiadores, antropólogos, agrônomos, técnicos e apoio de campo. Desta pesquisa obteve-se dois grandes resultados práticos: a) montagem do Museu Arqueológico, no Memorial Antônio Conselheiro que integra hoje o Campus Avançado de Canudos/UNEB, com os principais achados recolhidos das investigações e b) elaboração e publicação do livro *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* foi e tem sido o impacto dessa publicação?*

Paulo Eduardo Zanettini:

A reaproximação com a Universidade após a publicação do relatório da década de 1980 e as ações desencadeadas pelo CEEC rumo à implantação do parque acabaram me levando de volta a Canudos. Dos diálogos travados com Luiz Paulo e equipe no parque surgiu a demanda pela realização de um diagnóstico a respeito do estado de conservação dos bens arqueológicos registrados após mais de uma década, cabendo evidenciar que os sítios e estruturas arqueológicas relacionados à guerra apresentam, via de regra, um contexto de deposição superficial, muitas vezes bastante sutis na paisagem, bastante frágeis.

No decorrer desse processo, assistimos ao rebaixamento do nível de água do açude e a oportunidade de adentrar à cidadela destruída (pela guerra e pelo açude), cujos vestígios eu havia tateado mergulhando em 1986. Essa situação se revestiu numa oportunidade única de lançar olhares sobre a urbanidade de Canudos.

E a oportunidade de obter uma visão concreta a respeito de sua estrutura e morfologia com sua praça central marcadas pelas duas igrejas faceadas, e seu cruzeiro palanque (marca registrada do arquiteto Conselheiro),

permitindo um contraponto interessante com a iconografia gerada pelos “vencedores”. a respeito da Tróia de Barro e Palha. Pudemos divisar com bastante propriedade alguns aspectos do cotidiano de vida dos canudenses e a capacidade arregimentadora de Antonio Vicente Mendes Maciel (rábula, construtor de açudes e cemitérios sertão afora).

Luiz Paulo Neiva:

Fale-nos dos princípios metodológicos adotados e o que representou e representa para Canudos essa pesquisa.

“Os objetos se bem perguntados falam”

Paulo Eduardo Zanettini:

Falam sim, se bem perguntados! E de forma mais democrática que os registros escritos.

Escrevi um pequeno artigo intitulado “Por uma Arqueologia de Canudos e dos Brasileiros Ilustrados”, onde evidenciava com base na experiência vivida em Canudos a importância da Arqueologia ater-se com afinco sobre nossa história recente e daqueles que não puderam por diversos motivos deixarem registradas suas memórias, perspectiva que congrega hoje uma quantidade significativa de arqueólogos no Brasil e em outras partes do mundo, por vezes, prenunciadas ou tateadas na experiência que vivenciei em Canudos.

A arqueologia, de um modo geral, mudou muito no decorrer das últimas décadas, dilatando seus olhares, interpretações e, conseqüentemente, seus objetos de pesquisa. Da mesma forma, rompeu com os grilhões e amarras temporais às quais se viu presa, avançando cronologicamente em direção ao mundo contemporâneo no qual nos encontramos imersos: assim repressão e violência política, desastres ambientais, poluição, a diáspora africana, comunidades tradicionais (quilombolas, ribeirinhos, por ex) e os efeitos da globalização passaram a constituir algumas das temáticas enfrentadas pelos pesquisadores na atualidade. Grupos invisibilizados ou escamoteados das grandes narrativas oficiais e registros escritos passaram igualmente a ganhar “lugar na história”, da mesma forma que arqueólogos há muito o fazem em relação às inúmeras sociedades e culturas indígenas milenares que coabitaram o território brasileiro.

Como pontou Stovel em 2005, esta talvez seja uma das maiores contribuições da chamada Arqueologia Histórica para as histórias das Américas, proporcionando imagens alternativas para o reexame e construção de identidades nacionais, distintas daquelas oferecidas pela história oficial no mundo globalizado.

O que faltou perguntar aos objetos?

O Parque possui hoje uma infraestrutura mais adequada e além de um equipado laboratório de arqueologia no Memorial Antônio Conselheiro.

Novos tempos, novos questionamentos e novas perguntas devem ser feitas a este acervo e aqueles que poderão ser incorporados ao Memorial com novas investigações na região. Seria, permitindo revisitar com maior profundidade algumas hipóteses delineadas há décadas. O semiárido guarda uma gigantesca história multimilenar e há muito o que escrever a respeito do nosso (s) sertão (ões) que vem conhecendo grandes transformações, com nítidos efeitos nos modos de vidas das populações que habitam o semiárido brasileiro (ainda um nosso grande desconhecido). Com a infraestrutura criada pela Uneb, hoje a pesquisa fica bem mais facilitada. É grande minha vontade de retomar as pesquisas por lá...

Que urge dar continuidade ao Projeto Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos?

Luiz Paulo Neiva:

Em conversa recente por telefone você mencionou a noção de uma “arqueologia da vida”, em vez de uma “arqueologia da morte” em relação às escavações de Canudos.

Paulo Eduardo Zanettini:

Essa foi uma transformação por assim dizer epistêmica que o processo me proporcionou. Na década de 1980 foram mapeados e estudados, em grande parte, trincheiras, armamentos, sepultamentos e outras estruturas relacionadas ao conflito propriamente dito. Estávamos fundamentalmente reconhecendo a área do parque, território canudense tomado paulatinamente pelo exército. Anos depois ao adentrarmos à cidadela destruída, tivemos a oportunidade de nos aproximar dos cidadãos de Canudos e seu cotidiano de vida, aquilo que acabei chamando de arqueologia da vida em Canudos.

Luiz Paulo Neiva:

Poderia explicar melhor essa noção de arqueologia?

Com a oferta atual de uma turma de doutorado em Crítica Cultural, no Campus Avançado de Canudos, em parceria com o DLLARTES, do Campus II de Alagoinhas, além de um programa de Pós-Graduação stricto sensu, próprio, em 2026, viamos também a criação de um Departamento de Estudos Culturais em Canudos.

Paulo Eduardo Zanettini:

Impossível imaginar na década de 1980 uma estrutura como essa. Dessa forma, a Universidade conta com muitos ingredientes para levar adiante esse projeto e por que não adicionar a ele novamente a arqueologia de forma consistente?

Luiz Paulo Neiva:

Qual o lugar e configuração de um curso de graduação em Arqueologia em Canudos?

Paulo Eduardo Zanettini:

A Uneb já conta com um curso, laboratórios e reservas em diversos campus, bem como pesquisadores atuando. Assim, pensar uma graduação em Canudos exigirá congregar esses elementos. Adoraria ver isso acontecer. Temos, inclusive, uma arqueóloga natural de Canudos.

Luiz Paulo Neiva:

Você poderia nos indicar algumas fontes e instituições para pensarmos a pesquisa arqueológica no âmbito do turismo cultural e científico?

Paulo Eduardo Zanettini:

Essa é uma das pautas da contemporaneidade. Articular preservação de recursos arqueológicos e seu uso público é desejável e um caminho bastante profícuo, que demanda, entretanto, muito planejamento e investimento em conservação. Não muito distante de Canudos temos o Parque Nacional da Serra da Capivara, Patrimônio Nacional reconhecido mundialmente. A par de crí-

ticas que podem ser feitas, a arqueóloga Niéde Guidon e equipe conseguiram implantar em São Raimundo Nonato uma estrutura fantástica que é o nosso grande exemplo nesse sentido. Em 1986, era esse o meu referencial, para pensar o Parque Estadual de Canudos. Hoje ele é uma realidade. Outra iniciativa interessante que se valeu da arqueologia como ponto de partida é o Memorial do Homem Kariri, no Ceará com realizações incríveis em favor da comunidade.

Hoje, Canudos conta com vias asfaltadas e atrativos, embora acredite que seja necessário aprimorar sua estrutura de receptivo, porém, reúne elementos concretos para transformá-la em destino cultural e científico de grande significância no cenário nacional.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.